

PERCURSO FORMATIVO DE PEDAGOGOS/AS EM TEMPO DE PANDEMIA DE COVID-19: EXPERIÊNCIA VIVENCIADA EM UMA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Luciana dos Santos Lima¹

Rafaelle Valdemar Canto²

Rita de Cássia Miranda³

Francisco André Silva Martins⁴

Amanda Tolomelli Brescia⁵

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar o percurso formativo vivenciado por estudantes de um curso de Pedagogia de uma universidade pública estadual brasileira, no período da pandemia de COVID-19. Serão apresentados os resultados abordando as mudanças ocorridas no curso, a passagem de uma realidade presencial para *on-line*, ou seja, o surgimento do Ensino Remoto Emergencial, bem como as novas formas empreendidas para lidar com a necessidade de continuidade da formação das discentes e as repercussões na trajetória formativa das estudantes do curso. Metodologicamente foram utilizados elementos quantitativos, por meio da aplicação de questionários, e qualitativos, por meio de elementos dissertativos que abordaram experiências particulares dos sujeitos. À guisa de conclusão, considerou-se que não há democratização do acesso à internet e que com a pandemia da COVID-19 o acesso à educação também ficou fortemente comprometido.

Palavras-chave: Ensino Remoto, Formação de Pedagogos, COVID-19.

¹ Pedagoga formada pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais. Brasil.

e-mail: luciana.0284727@discente.uemg.br

² Pedagoga formada pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais. Brasil.

e-mail: rafaele.0293024@discente.uemg.br

³ Pedagoga formada pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais. Brasil.

e-mail: rita.0293020@discente.uemg.br

⁴ Professor permanente do Programa Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Mestrado Acadêmico em Educação e Formação Humana, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais. Historiador, tem Doutorado em Educação pela FaE-UFMG (2016), Mestrado em Educação pela FaE-UFMG (2010). Coordenador e Pesquisador do Grupo de Pesquisa e Extensão Observatório das Juventudes da FAE UEMG fundado em 2020 e vinculado ao CNPq e ao GT 03 Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos da ANPED.

e-mail: francisco.martins@uemg.br

⁵ Professora permanente do Programa Pós-Graduação em Educação e Formação Humana (Mestrado Acadêmico) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/UEMG) e professora efetiva da área de mídias, mediação e tecnologias na educação no curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Doutora em Educação (2017), mestre em Educação Tecnológica (2013), especialista em Gestão de Pessoas e Projetos Sociais (2009), especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância (2012), especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (2023) e graduada em Pedagogia (2007).

e-mail: amanda.brescia@uemg.br

TRAINING COURSE FOR PEDAGOGUES IN TIMES OF THE COVID-19 PANDEMIC: EXPERIENCE IN AN EDUCATION COLLEGE

Abstract: The present work aims to analyze the training path experienced by students on a Pedagogy course at a Brazilian public state university, during the period of the COVID-19 pandemic. The results will be presented addressing the changes that occurred in the course, the transition from a face-to-face reality to an online one, that is, the emergence of Emergency Remote Teaching, as well as the new ways undertaken to deal with the need for continued training of students and the repercussions on the educational trajectory of the course's students. Methodologically, quantitative elements were used, through the application of questionnaires, and qualitative, through dissertation elements that addressed the subjects' particular experiences. In conclusion, it was considered that there is no democratization of internet access and that with the COVID-19 pandemic, access to education was also strongly compromised.

Keywords: Remote Learning; Pedagogue Training; COVID-19.

Considerações Iniciais

O presente estudo tem como objetivo analisar o percurso formativo vivenciado por estudantes de um curso de Pedagogia de uma universidade pública estadual brasileira, no período da pandemia de COVID-19. Buscando assim compreender o que significou a mudança do ensino presencial para o Ensino Remoto Emergencial (ERE), bem como a diferença este e a Educação a Distância (EAD), suscitando assim reflexões necessárias de serem realizadas neste momento transpandemia (PAIVA *et al.*, 2022) que estamos vivenciando.

Acreditamos, que o triênio 2019/2020/2021 será lembrado nos livros de história como um dos mais difíceis desafios para mundo do século XXI. A pandemia do COVID-19⁶ marcou a nossa geração e trará consequências profundas também nas próximas

⁶ Entre dezembro de 2019 e janeiro 2020 foram observados casos de um tipo de pneumonia atípica em Wuhan, China, que foram associadas a um mercado de frutos do mar, onde os pacientes contaminados costumavam consumir alimentos. A transmissão foi passada do morcego para o ser humano e transmitida para o restante da população através das interações humanas. Devido a possibilidade dessa transmissão ocorrer antes de qualquer evidência de sintomas, os casos ditos assintomáticos, deu-se o início ao surgimento de um grande número de casos. Foi observado que jovens e crianças na maioria dos casos se infectavam, mas, permaneciam assintomáticos e quanto maior era a idade maior era a possibilidade dessa infecção ser de ordem sintomática, sendo necessária então a adoção de uma medida de cumprimentos de ordem higiênica e de auto isolamento. Por incompetência do poder público em gerir tal pandemia, a referida doença foi responsável pela morte de mais de 700.000 brasileiros.

gerações que viverão implicações desse momento tão inóspito, seja na saúde, na economia ou na educação, como será discutido neste trabalho. Tendo esse pano de fundo, essa pesquisa se propõe a analisar os efeitos da pandemia junto aos estudantes de um curso de Pedagogia, em uma instituição de ensino superior pública, da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Por se tratar de uma doença altamente transmissível, essa rapidamente tomou todos os cantos do mundo. No início de 2020 emergiram os primeiros casos no Brasil. Para além do alto índice de contaminação, havia um outro problema a ser considerado, a (in) capacidade dos sistemas públicos de saúde de muitos países, talvez a maioria dos países do mundo, em atender às demandas da pandemia. Isso reverberou em ações dos governos no sentido de diminuir a contaminação e uma das saídas encontradas seria o afastamento social. No Brasil, tanto a falta de estrutura do sistema de saúde, quanto a falta de liderança no âmbito nacional trouxeram outras dificuldades e uma movimentação dissipada dos governos estaduais e municipais, inclusive no que tange a educação básica a superior. Por volta do dia 18 de março de 2020, algumas atividades foram suspensas no sentido de mobilizar a população para se manter em casa.

A sociedade brasileira foi afetada em sua totalidade, os empregos, as empresas, o comércio e tal cenário não foi diferente com as escolas e as universidades (CHARCZUC, 2020). Uma nova lógica de funcionamento se instaura, as escolas e universidades fecham suas portas, sendo que a tomada de decisões a respeito do modelo de funcionamento da educação básica passa a acontecer sob os cuidados dos estados que apresentaram iniciativas direcionando à substituição da educação presencial pelas aulas remotas ou adoção da modalidade a distância na educação básica (ARRUDA, 2020).

Muitas escolas e universidades ficam alguns meses sem funcionamento, sem tomar atitudes mais proativas em relação às aulas e ao seu modo de funcionamento, o que reflete mais uma vez a falta de liderança do governo refletida no Ministério da Educação (ARRUDA, 2020). Meses de afastamento muito difíceis, muitas pessoas perdendo seus entes, perdendo seus empregos e com muito medo de se prejudicar na vida profissional e acadêmica, esta é a sensação que permeava a sociedade e, por consequência, a universidade, neste período.

Adentrando agora o curso de Pedagogia que é o foco deste trabalho, esclarece-se que entre os meses de março e junho de 2020, foram desenvolvidas atividades alternativas na faculdade, *lives*, palestras *online* e projetos de pesquisa e extensão que foram sendo desenvolvidos por professores/as e gestores/as, mas ainda nada institucionalizado como retomada do ensino ou desenvolvimento de componentes curriculares do referido curso. Caminhando para o final do mês de junho de 2020 iniciou-se uma mudança na universidade, no sentido de retomar as atividades do curso de maneira mais consolidada, realizaram-se reuniões e discussões (tudo online) no âmbito da Faculdade de Educação e da Universidade, buscando saídas institucionais para um problema que era mundial.

Ainda sem muito se saber sobre como fazer, as atividades privilegiavam os trabalhos online, mas também ainda estavam muito presas a imagens socialmente vinculadas a questões quantitativas, aulas, trabalhos, pontos, como se tivesse sido transposto para o virtual o que antes era feito de modo presencial. Foi um processo complexo, no qual todos os envolvidos foram duramente afetados por uma realidade alçoz de praticamente viver para as aulas no computador, sendo esta a única maneira com que as aulas puderam ser retomadas, na ocasião.

A impressão que tenho é que, antes deste período pandêmico, a educação estava permeando a tecnologia como se esta fosse uma piscina cheia e aquela estivesse andando em sua borda e refletindo se deveria “entrar nessa”. A pandemia da COVID-19 veio como aquele amigo (desagradável) que empurrou a educação para que ela bebesse da tecnologia, que se afogasse na tecnologia. Se não for com a tecnologia mediando, a educação não aconteceria em todo este período em que estamos (porque ainda estamos, sem data para terminar) vivendo. (BRESCIA, 2021, p. 11)

Avançando consideravelmente no tempo cronológico que estamos aqui relatando, a atual conjuntura social e de saúde é do ano de 2023 que nos diz de uma superação da pandemia, ou como alguns autores afirmam, estamos agora no transpandemia (PAIVA *et al.*, 2022), que é o período no qual já retornamos ao ensino presencial, mas convivemos ainda com casos da doença com alguma constância. Neste momento a população, em sua grande maioria, se encontra imunizada, o número de mortes é bem menor que anteriormente, o que pode parecer que uma pesquisa que traz consigo tais dados esteja ultrapassada, entretanto, reforçamos que a memória da sociedade em relação a superação de tal problema social é vital para a posteridade, para nos servir de aprendizados nas mais variadas áreas e dentre elas a educação.

Mediante inquietações que sugiram a respeito da formação dos futuros pedagogos/as no referido contexto educativo, na modalidade de ensino remoto, e observando as diversas dificuldades encontradas no processo de transição do ensino presencial para o ensino remoto, a busca é por compreender quais os possíveis desafios e as potencialidades podem ser inferidos dessa realidade.

Aspectos metodológicos

Os caminhos da pesquisa, o problema que a envolve, bem como suas repercussões, nos serve, muitas vezes, como elemento para visualizarmos quais convicções orientaram os pesquisadores que desenvolveram determinado trabalho. Diante disso, reforçamos que não entendemos a pesquisa, e sobretudo, a pesquisa em educação, como sendo algo restrito ao campo acadêmico, mas sim algo com potência e significado para servir à sociedade. Cremos que o ato de pesquisar tem vínculo direto com o processo de construção do conhecimento. Isso se dá ao irmos ao encontro de algo que outrora não sabíamos, que desconhecíamos a causa ou o motivo. Assim sendo, entendemos a pesquisa científica como sendo marcada por momentos, que gradativamente vão se estruturando para a então efetivação exitosa do trabalho.

Destarte, os problemas sociais causados pela pandemia da COVID-19, podemos dizer que essa também influenciou no desenvolvimento da presente pesquisa. O isolamento e a distância serviram como fatores de complexificação do processo de desenvolvimento deste trabalho, porém, em que pese às dificuldades, o trabalho alcançou sua culminância. Uma das primeiras preocupações dos pesquisadores foi saber se a pesquisa proposta seria exequível e quais os caminhos a serem tomados para no final encontrar resultados coesos (SANTOS FILHO; GAMBOA, 2009). Nessa seara, ao estudar as experiências de estudantes de um curso superior que estava sendo conduzido ainda sendo respeitado o distanciamento social, as possibilidades apresentadas se mostraram demasiadamente restritivas.

Para levar adiante tal pesquisa a opção foi por uma metodologia que abrangesse elementos quantitativos, que pudessem produzir dados, mesmo à distância dos sujeitos de pesquisa, mas que pudesse, também, em alguma medida, trazer elementos qualitativos (SANTOS FILHO, 2009). Foi aplicado um questionário *online*, por meio do Google Forms, composto de questões fechadas e abertas, e que pudessem trazer os elementos para o estudo e a análise propostos pela pesquisa.

As questões abarcaram a realidade socioeconômica, a estrutura para estudos, a vivência da pandemia da COVID-19 no seu lar, bem como elementos mais subjetivos por meio de perguntas nas quais os sujeitos poderiam dissertar sobre suas vivências (GAMBOA, 2009). A delimitação dos sujeitos de pesquisa teve como referência as estudantes que tivessem passado a maior quantidade de tempo do seu curso em ensino remoto, a partir dessa premissa, a escolha foram as turmas que passaram pelo 6º, 7º e 8º períodos em modalidade de ensino remoto. Reforçamos que por se tratar de uma pesquisa por meio de questionário *online*, sendo que o referido questionário foi enviado por meio de e-mail institucional e com a anuência e auxílio da coordenação do curso de Pedagogia. Foram enviados os e-mails para cerca de 250 estudantes e obtidas cerca de 80 respostas que serão devidamente analisadas no decorrer desse artigo.

EaD? Ensino Híbrido? Ensino Remoto? Elementos para o debate

Dada a situação inédita, para as gerações economicamente ativas brasileiras, proporcionada pela pandemia da COVID-19, muito pouco se sabia sobre o que fazer e o como fazer, em várias áreas da sociedade, incluindo a educação, o que foi amplificado pela falta de diretriz do Ministério da Educação,

que indicou a possibilidade de se utilizar a modalidade a distância no ensino superior, por meio da portaria n. 343 de 2020, posteriormente apresentou a medida provisória n. 934 que retirou a obrigatoriedade de cumprimento de 200 dias letivos, mantendo a carga horária mínima nos diferentes níveis educacionais (ARRUDA, 2020, p. 261).

As universidades, de maneira geral, pela obrigatoriedade do afastamento social e considerando a autonomia institucional da Universidade, se empenharam em atividades *online*. “As instituições privadas, como os grupos Kroton, Estácio e Unip, bem como Universidades tradicionais, representadas pelas Pontifícias Universidades Católicas de todo o país, definiram retorno às aulas mediado por tecnologias desde o mês de março” (ARRUDA, 2020, p. 262). Já em outras instituições, foram centenas de eventos, *lives*, seminários, palestras, feitos com o intuito de manter o vínculo dos estudantes com as instituições, mantendo assim seu funcionamento, mesmo que precário.

O que se pode perceber foi um movimento rápido, para não dizer afoito, de fazer alguma coisa, um discurso camaleônico que agregava situações diversas e de maneira superficial tratava questões singulares como sendo, simplesmente, similares. Isso repercutiu no que compreendemos como sendo um emaranhado de conexões frágeis, voláteis, que agregavam a Educação a Distância, o Ensino Híbrido e o Ensino Remoto, por vezes como uma mesma coisa (embora tenhamos a consciência de que não são a mesma coisa), em outros momentos como sendo algo totalmente diverso e por vezes amalgamando uma bricolagem com partes de cada modalidade, perfazendo

quase que um Frankenstein⁷ educacional. Um primeiro passo para compreendermos o que aconteceu neste período é debruçar sobre tais conceitos.

Cientes da importância do arcabouço de sustentação teórica para a qualidade do debate empreendido em uma pesquisa, e diante da realidade apresentada, optamos por buscar um aprofundamento reflexivo sobre tais modalidades. Com o fito de melhor delimitar suas singularidades, suas aproximações e seus afastamentos nos debruçamos sobre as discussões referentes às modalidades, inclusive para dar o devido suporte para a discussão empreendida nesse artigo.

Em função da antiguidade no uso dos termos optamos por iniciar nossa aproximação conceitual à partir da busca por entender o que se encontra envolvido no debate quando tratamos da Educação a Distância (EaD). Não entraremos no conceito pormenorizado de EaD e em seu aparato legal, pois este não é o foco deste trabalho, embora asseguremos que com as grandes mudanças estruturais ocorridas na sociedade após a disseminação da rede mundial de computadores, a ampliação desta modalidade de ensino se tornou possível. Nos últimos anos é notório o aumento da oferta de cursos superiores na modalidade EaD, sendo que atualmente as matrículas em ensino superior na modalidade EaD já superam as matrículas na modalidade presencial. Com os avanços da Internet, a partir dos anos 90 do século XX, as distâncias ficaram menores, os contatos mais dinâmicos e essa realidade afetou toda a sociedade mundial, o que não seria diferente com os processos formativos e educacionais. Na atualidade, o ensino superior tem expandido suas fronteiras rumo à educação a distância, seja pelo aumento das possibilidades educativas, ou mesmo pela economia gerada no processo (BELLONI, 2009), mas também expandido seus horizontes para novas metodologias, como o semipresencial, ou híbrido ou misto.

entende-se por modalidade presencial aquela que é cursada em sua totalidade em atividades presenciais, tendo contato diário entre professores e alunos, sendo legalmente aceitável a inserção do cumprimento de parte da carga horária em disciplinas a distância (até 40% da carga horária total do curso). Por semipresencial ou híbrido ou misto entendem-se por uma modalidade de

⁷ Clássico do horror, sendo uma criatura com aparência quase humana, criado a partir de diferentes partes corporais mortas e que volta à vida. Fonte: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$frankenstein](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$frankenstein). Acesso em: 20 Fev 2024

ensino na qual as atividades ocorrem parte a distância, porém acontecendo encontros presenciais periódicos, tanto para sanar dúvidas, quanto para avaliações. Esta modalidade de ensino se assemelha bastante com a EaD, mas atende aos discentes que não abrem mão do contato físico com seus colegas e professores e tem sido muito discutida no momento de retomada de escolas da educação básica ao ensino superior, pós-março de 2020. Já a Educação a Distância, ocorre prioritariamente em um Ambiente Virtual de Aprendizagem, podendo acontecer encontros presenciais (principalmente para a realização de avaliações) mas com uma menor frequência. As aulas na EaD podem ser gravadas ou não contar com vídeos. A metodologia utilizada nesta modalidade varia muito de instituição para instituição, podendo ser definido apenas que ocorre a flexibilização do espaço e do tempo nos quais os discentes realizarão suas atividades. (BRAGA *et al*, 2022, p. 4-5)

Em linhas gerais nos parece importante ressaltar que existem várias visões, de diferentes autores, sobre a Educação a Distância, ensino híbrido e outras nomenclaturas que estão sendo discutidas constantemente, todavia, emergem de maneira destacada pontos em comum. Com base nas discussões de Moran (2009), pode-se se dizer que a EaD se trata de uma modalidade educacional no qual professores e alunos estão separados de forma geográfica e temporal, sendo necessária a utilização intensa do uso de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), podendo acontecer momentos presenciais ou não.

Para além de uma mera questão conceitual, cabe compreender os contextos da realidade dessa modalidade, ampliando os elementos de nossa investigação acerca de seu funcionamento e organização. Portanto, há que se destacar que o processo educativo nessa modalidade acontece majoritariamente por meio de um ambiente virtual de aprendizagem. Essas interações entre professores e alunos, acontecem online, um formato bem diferente da metodologia já convencionada nos cursos regulares/presenciais, no qual professores e alunos têm seus encontros no mesmo lugar e ao mesmo tempo, ou seja, em uma sala de aula (TEODORO; VASCONCELOS, 2012).

A EaD se destaca pela sua dinâmica e pela abertura de fronteiras e caminhos, não obstante, ela traz consigo também alguns elementos que complexificam os processos de ensino e de aprendizagem (BELLONI, 2009). E, embora esclarece-se que a Educação a Distância, legalmente orientada, estruturada, organizada é

completamente diferente do Ensino Remoto Emergencial (ERE) que se instalou nas universidades durante a pandemia da COVID-19.

Neste formato, as aulas são transmitidas em tempo instantâneo por sistemas de webconferências, as chamadas lives, que permitem que professores e alunos tenham condições de realizar interações e organizarem seus tempos de aprendizagem da forma mais próxima à educação presencial. (ARRUDA, 2020, p. 262)

A materialidade, o computador e sua atualização, bem como a qualidade da Internet e do pacote de dados, são coisas que podem prejudicar a formação se não alcançarem um nível mínimo (KARPINSKI; DEL MOURO; CASTRO *et al.*, 2017), sendo que tal questão, pode ser verificada tanto na EaD, quanto no Ensino Remoto Emergencial. A realidade do curso pesquisado no âmbito deste artigo explicitou tal situação de maneira muito nítida, vários foram os estudantes que, por serem de classes populares, não tinham um computador adequado, alguns sequer tinham computador.

Verificou-se que houve uma mobilização na universidade pesquisada para abertura de editais para financiar tais aparelhos, mas a burocracia fez com que os efeitos dessa ação fossem pouco percebidos. Alguns professores engajados em ajudar os estudantes doaram computadores mais antigos que tinham em casa e que poderiam ser usados. Foi feita também uma campanha de doação de computadores entre o público da universidade e também com pessoas da comunidade externa. Em se tratando da Internet, muitos estudantes fizeram uso de seus celulares ou de ajuda de vizinhos que disponibilizavam suas redes. Percebe-se que essa realidade afetou diretamente os estudantes do curso pesquisado.

Assim como a materialidade, a EaD e o ERE se destacam também pela necessária autonomia dos estudantes frente aos caminhos de seu curso e a resolução e entrega de atividades (MORAES, 2021). Uma análise precipitada pode nos levar a entender a autonomia como sendo algo necessariamente bom para o processo de ensino e aprendizagem, mas percebeu-se nesta pesquisa que as dificuldades com a tecnologia entre os sujeitos pesquisados foi mais uma regra, que uma exceção. No curso

estudado podemos dizer que para parte considerável dos estudantes a realização das atividades e sua postagem nos ambientes virtuais utilizados pela universidade se tornaram um problema, seja pelo esquecimento, seja pela quantidade de atividades a serem feitas ou pela quantidade de tarefas acumuladas dentro em sua vida particular.

Pensar uma formação em EaD ou ainda no Ensino Remoto Emergencial (ERE) implica em pensar também o modelo de atividades, o design educacional dos materiais didáticos, a dinâmica das atividades propostas e a forma de diálogo entre professores/tutores e estudantes. Apenas replicar atividades que eram usadas em um modelo presencial, ou seja, realizar a transposição do presencial para virtual com toda a quantidade de ações e leituras, foi tido como um equívoco, que ocorreu em alguma medida durante o ERE, segundo alguns estudantes escutadas por esta pesquisa. Percebeu-se que o modo como o curso se deu, utilizando-se de uma modalidade de ensino que não foi pensada ou construída com os cuidados necessários para a continuidade do estudo de muitos dos estudantes, influenciou diretamente a trajetória formativa de vários destes. Promover o engajamento e uma formação significativa quando estamos tratando de uma experiência de educação a distância envolve um esforço significativo (MARTINS; RIBEIRO, 2019), quando a modalidade é trocada sem a consulta prévia das partes envolvidas, o engajamento sem dúvida, cai e precisa ser mantido alto, embora este exija um esforço ainda maior por todas as partes.

Mas e em relação ao Ensino Híbrido (EH), o que temos como horizonte? Tal terminologia, a partir da pandemia, foi muito tratada dentro das universidades. O termo híbrido traz consigo a complexidade da polissemia nele contido, mas em relação à educação nos permite inferir se tratar de uma experiência formativa marcada pela diversidade dos materiais, ambientes e ferramentas. Conforme nos apontam Oliveira *et al.* (2021), podemos dizer que:

O ensino híbrido já é considerado como uma das grandes apostas para o processo de ensino e aprendizagem no século XXI e, devido ao seu modelo que une as melhores práticas das modalidades presencial com as melhores práticas da modalidade EaD, pode significar uma grande revolução na forma de ensinar e aprender em uma instituição de ensino superior. (OLIVEIRA *et al.*, 2021, p. 920)

Embora o uso de elementos híbridos na formação do estudante superior seja visto como uma virtude, há que se destacar que não se trata simplesmente de juntar elementos de uma formação presencial, com uma formação EaD e dá-se uma formação com caráter híbrido. Trata-se de um processo que demanda reflexão dos profissionais envolvidos no sentido de melhor atender seu público de acordo com suas especificidades. Portanto, não é algo simples e superficial, há que se preocupar com o processo, com a aprendizagem e com os sujeitos se o objetivo for uma experiência exitosa (MORAN, 2009). E conforme nos relata Souza (2012), essas são virtudes basilares de qualquer educador que tenha como foco a atuação no ensino superior. Nesse mesmo contexto, Masetto (2012) nos aponta o obrigatório desenvolvimento de tais competências pedagógicas condizentes ao fazer docente de um professor universitário.

Assim sendo, entendemos que o compromisso docente com um processo na modalidade EaD, condizente com quem nele se encontra inserido, é antes de tudo um compromisso ético (BOHADANA; VALLE, 2009), pois dependendo dos caminhos pelos quais se opta, pode haver inclusive uma evasão de estudantes (BRANCO; CONTE; HABOWSKI, 2020).

Diante do apontado como potencialidade do Ensino Híbrido, temos que considerar que se trata de algo ainda recente, apesar do desenvolvimento e avanço rápidos dos últimos anos. Em função de seu caráter, que por ser considerado ainda incipiente e em processo de consolidação efetiva, podemos dizer que há muito o que alcançar, principalmente, em se tratando de seu desenvolvimento no Ensino Superior. Esse cenário nos aponta o que Santinello, Costa e Santos (2020) vão caracterizar como sendo de falta de políticas públicas com o foco no Ensino Híbrido. Assim sendo, as autoras destacam a necessidade de o poder público fomentar políticas públicas com o foco em experiências educativas desse tipo.

Após trafegarmos pelos conceitos e peculiaridades da EaD e do Ensino Híbrido, cabe a nós debruçarmo-nos sobre as questões que envolvem o entendimento quanto ao

que seja um Ensino Remoto Emergencial (ERE). Acreditamos, de antemão que o uso indiscriminado do termo acabou esgarçando suas potencialidades. A palavra Remoto servia para tudo que não fosse realizado presencialmente, para o que fosse feito em casa, para o que fosse feito em outros tempos e horários, ou ainda de forma online, e o emergencial deu-se pela já exposta necessidade urgente, emergencial, de realização do afastamento social após março de 2020, por todo o mundo. Todavia, entendemos que algo foi virtuoso em seu uso, o debate público em torno do acesso e garantia de uma educação acessível a todos, bem como o uso de ferramentas tecnológicas digitais e estratégias que garantissem sua qualidade. Nesse sentido, acompanhamos os apontamentos de Cunha, Silva e Silva (2020), ao apontarem que a discussão da experiência de Ensino Remoto Emergencial no Brasil deveria ser pautada pela garantia da educação e da sua qualidade como direitos.

Anteriormente, já mencionamos os desafios apresentados pela e durante a pandemia da COVID-19, e na educação superior o fator de transposição de um curso presencial para se tornar algo remoto um desafio a ser enfrentado. Nesse processo recaiu sobre os professores uma responsabilidade grande, qual seja, a de abruptamente ter que readaptar suas aulas, seus planejamentos e seus conteúdos. As aulas expositivas presenciais deram lugar ao computador, via de regra, com várias abas ou telas abertas e com câmaras fechadas. As avaliações teriam que conseguir agregar os conhecimentos e serem significativos para que os estudantes se mantivessem engajados durante as aulas remotas. O processo passou a demandar ainda mais experiências de troca e de relações entre os sujeitos envolvidos, a interação se mostrou fator primaz. Reforçamos que a rapidez nos pareceu bem intencionada, com o objetivo de evitar maiores perdas para os estudantes, mas sem qualquer embargo, podemos também afirmar que tal rapidez teve impactos no funcionamento do curso.

Em relação ao curso pesquisado, acreditamos que o caráter de urgência (embora tenham sido iniciadas as aulas apenas três meses após o início da suspensão das aulas) estabelecido para o início do ensino remoto na universidade acabou reverberando no entendimento de ser essa experiência marcada pela sua condição

como algo paliativo, elaborado de maneira apressada, que foi colocado em execução ainda com arestas a serem aparadas. Um dos pesquisados relata o que estamos apontando, ao informar que *“esses aspectos [mudanças] poderiam ser menos impactantes, se, anteriormente já tivemos de alguma forma utilizando metodologias ativas onde o tecnológico poderia ser uma grande ferramenta de ensino e aprendizagem”* (Dados do questionário).

Entre os estudantes, e acredita-se que também entre os docentes, o início da experiência do Ensino Remoto Emergencial foi alvo de duras críticas. Todavia, há que se ressaltar o empenho do coletivo de professores do curso em fazer as adaptações necessárias, conforme as demandas emergiam dos estudantes. E isso foi devidamente reconhecido pelo coletivo de estudantes nesta pesquisa. Ao fim do ERE, com o retorno das aulas presenciais, não foram poucos os estudantes que manifestaram seu interesse em se manterem no modelo estabelecido emergencialmente. Houve inclusive a mobilização de uma turma do 8º período, que teria que voltar para cursar apenas seus últimos seis meses presencialmente, para tentar se manter no ensino remoto, mas devido a questões de ordem burocrática, curricular e legal, isso não foi permitido.

Em se tratando do curso de Pedagogia estudado, nos parece que o uso de um só termo – seja EaD, Ensino Híbrido, ou Ensino Remoto Emergencial – nos parece insuficiente para dar conta do que vimos em campo. Sem sombra de dúvidas podemos dizer que foi uma experiência marcada por conflitos, mas também pela construção de consensos, acertos e erros, sobretudo, pelo empenho e dedicação de professores e estudantes que, apesar de todas as dificuldades, muito se empenharam no processo. Ao cabo, acreditamos que analisamos uma experiência educativa que conseguiu fazer uso importante do que estava ao seu alcance e disposição.

Entendendo a realidade: o curso de Pedagogia e seus estudantes

Um trabalho com um foco específico, qual seja, um curso de Pedagogia, em uma Faculdade de Educação, precisa minimamente abarcar os aspectos históricos dessa instituição tão reconhecida e presente no processo de formação de professores e professoras da capital mineira. A referida faculdade surgiu mediante o crescimento progressivo e um curso pós-normal e culminou com sua transformação em um curso de graduação. Trata-se de uma instituição pública que há décadas se encontra ativa. O Curso de Pedagogia teve sua efetiva consolidação a partir do ano de 1970, o que para este grupo é um dos indicadores do sucesso do curso seja a consolidação de seu compromisso com a tríade que envolve o ensino, a pesquisa e a extensão e sua conexão com o campo educacional em sua dimensão real.

Em se tratando de dados da conjuntura do curso no período pandêmico podemos dizer que o presente trabalho abarca três turmas concluintes, que em uma visão idealizada deveriam compor cerca de 120 estudantes, 40 em cada turno. Sabemos da volatilidade de tais números em função do abandono ou trancamento, mas no questionário aplicado obtivemos 80 respostas, o que nos parece ser um campo de análise suficientemente adequado para as análises que queremos empreender com a pesquisa. Todavia, é importante destacar que a obtenção dos dados se deu em meio a grande dificuldade. Entendemos tal realidade à partir dos próprios dados da pesquisa, em um contexto complexo e de grande quantidade de atividades a serem feitas, os discentes podem ter visto o preenchimento do formulário como mais uma tarefa entre as outras obrigações.

Antes mesmo de abordarmos os dados com relação ao curso e seu funcionamento acreditamos ser vital apresentarmos o quantitativo de estudantes infectados pela pandemia, tendo em vista ser esse um fator que consideramos como sendo de grande influência na vivência das experiências educacionais por cada sujeito respondente.

O perfil dos pesquisados nos sinaliza a prevalência de estudantes do sexo feminino contando com cerca de 93% dos respondentes. A maioria das⁸ respondentes nos informa que estudam no período noturno devido ao trabalho e afazeres de casa. As respostas predominantes foram de estudantes de 21 anos e 38 anos. Essa realidade já nos aponta uma situação que pode, em grande medida, afetar o andamento do curso mediante as mudanças de presencial para remoto. Tal mudança, que implicou tornar a casa da estudante seu ambiente de estudo no contexto do ensino remoto, o que foi um dificultador de continuidade dos estudos ao agregar os trabalhos e atividades domésticas e os estudos no mesmo ambiente. Tal realidade implicou na busca ininterrupta por metodologias que atendessem essa nova realidade por parte dos docentes (MOREIRA *et al.*, 2020). Como as estudantes iriam determinar quais os tempos destinados a cada coisa? Quais problemas decorreriam dessa nova realidade? Essa é uma reflexão importante se quisermos melhor entender o contexto pesquisado.

Conforme apontado pelas respondentes do questionário, a transformação do ambiente doméstico em ambiente de estudos teve repercussão direta nos sujeitos. Segundo as respostas obtidas, o poder de concentração durante as aulas remotas já não era o mesmo, tendo em vista a obrigação de conciliar as aulas com filhos, tarefas de casa, fazer comida, entre outras necessidades do cotidiano. Isso foi percebido pelas respondentes como sendo um fator que afetou diretamente seus desempenhos nos processos de ensino e de aprendizagem. Além das atividades, ganhou destaque na pesquisa a inadequação do ambiente domiciliar para os estudos, principalmente pela falta do silêncio e oportunidade de concentração. Cerca de 34% das respondentes considerou seu ambiente de estudos bom, por terem um espaço exclusivo para os estudos; 47% considerou mediano, com o ambiente sendo marcado alguns problemas, e somente 19% considerou o ambiente ruim, por terem que assistir suas aulas no mesmo ambiente que outras pessoas.

⁸ Optou-se por se referir aos respondentes no feminino, uma vez que estas são a maioria entre os estudantes da faculdade e entre as que responderam à pesquisa.

A resposta a uma pergunta dissertativa de uma das estudantes faz menção a um processo no qual ela considera que se tornou uma pior estudantes das referidas condições: *“Eu era uma aluna presencial. No ensino remoto me tornei dispersa e confusa. Não consegui absorver os conteúdos”* (Dados do questionário). Tal apontamento nos sinaliza que para além dos estudantes, mas agregando o ambiente e o modo como as disciplinas se empreenderam afetaram significativamente o processo de aprendizado.

No bojo dessa discussão, outros elementos afloram e contribuem para o agravamento das dificuldades do processo de aprendizado. Várias estudantes se reinventaram, usando diferentes artifícios para acompanhar as aulas, inclusive dentro de ônibus e metrô enquanto voltavam do trabalho. Os que tinham condições financeiras investiram em equipamentos tecnológicos, mas a grande maioria só tinha o celular como forma de assistir às aulas, o que dificultava sobremaneira a interação com a turma. Da mesma forma o acesso a várias funcionalidades do ambiente virtual eram mais difíceis pelo celular, não apenas pelo aparelho, mas pelo tamanho do pacote de dados móveis das estudantes.

Para além das questões estruturais, ambiente, equipamento e qualidade da internet, as questões interpessoais também tiveram destaque nos dados encontrados na pesquisa. Em se tratando das relações estabelecidas entre professores e estudantes, os respondentes reforçaram a necessária capacidade do docente em lidar com o outro, com os estudantes em suas diversidades, em suas diferentes formas de expressão e manifestação. As críticas giraram, em sua maioria, em torno do atendimento dos professores, dos seus métodos, das atividades, da falta de uma estrutura mínima que pudesse nortear os estudantes, conforme apontam os dados à seguir:

Devido ao contexto, não é apenas a questão de se adaptar ao ensino distante, mas também perceber que os discentes, docentes e toda a comunidade escolar estão sob a pressão da pandemia. Penso que tem que se pensar em formas de se deixar mais leve e confortável possível as aulas para todos. Essa relação professor aluno precisa melhorar, tivemos professores excelentes, que se desdobraram em atender e entender os alunos nesse momento, porém alguns que nem mesmo respondiam um

simples e-mail para nós orientar. Facilitar os processos do estágio e seus respectivos documentos. (Dados do questionário)

Do quantitativo de respostas obtidas cerca de 34 % considerou a relação estabelecida como boa, 41% consideraram mediana e 25% como sendo ruim. Uma das respostas fez menção ao sentimento de falta de *“acolhimento e mais atenção às demandas dos discentes, a fim de contribuir para a manutenção da aprendizagem com assuntos que fazem sentido para os indivíduos”* (Dados do questionário).

Acreditamos que a crítica quanto à quantidade de atividades aponte, de fato, para além do quantitativo em si, possíveis exageros ou equívocos na gestão do processo de implementação do Ensino Remoto Emergencial. Na experiência do curso analisado os professores tiveram autonomia para usarem várias plataformas: Teams, Moodle, e-mails e WhatsApp; dentre outras. Na mesma proporção foram várias as atividades: encontros síncronos, postagens em Chats e fóruns, trabalhos escritos, seminários em grupo, dentre outras. Tal realidade ensejou a ocorrência de variações, em algumas disciplinas no próprio Teams, em outra disciplina estava no Moodle, em outras estava nas duas plataformas, enquanto outras disciplinas tiveram suas atividades enviadas via e-mail. Tal variação foi possível com o objetivo de proporcionar ao docente uma melhor qualidade da aula de acordo com seus domínios específicos. No entanto, também gerou muitas dúvidas nos estudantes, bem como dificuldades de encontrar as atividades e conseqüentemente perdas de prazo e de entregas de trabalhos.

Apesar de reconhecermos os problemas decorrentes do uso de várias plataformas, alguns pesquisadores da área da EaD (BOHADANA; VALLE, 2009; BRANCO; CONTE; HABOWSKI, 2020) nos apontam que isso é uma virtude, com o objetivo de atender sujeitos diversos e demandas diversas. A pluralidade de atividades e ferramentas, que se tornou fator para a crítica, pode ser vista também em sua potencialidade, dada a ampliação do campo de ações, atividades e modelos de disciplina, o curso mostrou, em alguma medida, a virtude de agregar várias dinâmicas.

Uma análise precipitada poderia nos dar a entender que a experiência pesquisada tivesse sido marcada pela ocorrência de problemas e conflitos. Entretanto, muitos foram os aspectos mencionados como fator de qualificação da experiência. Diante de um público majoritariamente egresso das classes populares, uma das virtudes dessa experiência disse respeito à economia auferida pelas estudantes com transporte e alimentação. Nesse mesmo contexto, apesar das críticas ao ambiente, a comodidade de estar em casa foi elemento apontado. Em relação às ferramentas digitais, muito se elogiou a possibilidade de acessar as aulas gravadas, mesmo após perder o encontro no momento síncrono.

A falta de domínio das tecnologias pelos respondentes, que no início foi um grande problema, ao final da experiência foi destacada como movimento importante e interessante no sentido de aprender coisas novas, usar novas ferramentas, que seriam úteis para a vida profissional após a pandemia. Esse contexto nos deu a dimensão da importância da manutenção das atividades do curso para superar situações como de solidão e depressão, vividas por grande parte dos estudantes. Apesar de todos os problemas, a grande virtude do ensino remoto, segundo os respondentes da pesquisa, é que a experiência serviu como maneira de prosseguir o percurso de formação, de dar sentido à vida no contexto pandêmico, de ter atividades que servissem como fator mobilizador para se levantar todos os dias e continuar seguindo para superar o contexto inóspito que estávamos inseridos.

Ao fim dessa análise não nos cabe romantizar um processo marcado por uma complexidade tão grande, tanto no que tange a educação, quanto sistema de saúde pública ou ainda saúde mental de toda a população. Não nos cabe aqui querer criar estudantes e professores heróis, mas apontar a virtude de uma luta inglória, muitas vezes combatida na solidão e com o medo da morte iminente que batia à porta. Ninguém passou incólume por esse período, isso é uma verdade cabal. Em se tratando da experiência estudada, não foi um processo simples, foi marcado por acertos e erros, que esperamos ter dado conta de tratar nesse artigo. Todavia, foi também uma experiência de formação para a vida, não há como negar a virtude da

coletividade, do compromisso de estar junto, de se implicar com o outro, com sua vida e sobrevivência. Ao fim e ao cabo, podemos dizer que para as estudantes do curso de Pedagogia e seus professores foi uma experiência marcante.

Algumas reflexões à guisa de conclusão

Ao caminharmos para a conclusão das reflexões pretendidas com o presente artigo, acreditamos que trazemos ainda indagações importantes, mas que servirão como forma de nos manter pensando sobre a temática. Embora, saibamos das limitações do presente trabalho não podemos deixar de considerar a virtude de ser essa uma pesquisa que se apresenta como elemento memorial de um contexto social tão complexo. Acreditamos fortemente que tal pesquisa, agregada a outros trabalhos com mesmo assunto e com o foco em tal temática, possa ser de grande utilidade para as gerações vindouras quando quiserem melhor entender a pandemia da COVID-19 e seus reflexos no ensino superior e no campo da educação.

As limitações de uma pesquisa empreendida no contexto da pandemia, o fato de se ter estudado um único curso em uma universidade específica, bem como o quantitativo de dados obtidos, apesar de restringirem o campo de análise, não nos impede de fazer apontamentos importantes e contundentes. Algumas questões se mostraram notórias pelo seu destaque no cenário pesquisado. Partindo de um contexto macro, podemos afirmar sem qualquer receio que a pandemia da COVID-19 esgarçou elementos da desigualdade social brasileira que se faziam opacos ao olhar de grande parte da sociedade, questão de pesquisa que poderia ser estudada posteriormente.

Estávamos todos enfrentando a mesma tempestade, mas acondicionados em barcos desiguais, se assim puder fazer esta analogia, alguns em seus iates, conseguindo fazer o distanciamento social necessário para barrar a transmissão do vírus e outros em seus bote salva-vidas, buscando incessantemente manter-se sem afogar. Tal imagem consegue demonstrar o quão mais abissal é a distância que separa as

classes sociais no país. Isso reverberou diretamente no cenário educacional, pois diante de uma grande demanda de materialidade e de busca de condições para dar suporte a uma experiência educacional remota emergencial, pudemos ver a precariedade das instituições educacionais, independentemente de seu nível, perpassando da educação básica ao ensino superior.

Do mesmo modo, a pandemia colocou à baixo o sofisma que dizia de uma democratização do acesso à internet. Tal inverdade perdeu o sentido quando a demanda passou a ser de uma qualidade de conexão condizente com a formação educacional, com a necessidade de assistir vídeos, de baixar textos, de assistir às aulas síncronas. Muitos foram os estudantes que se afastaram das escolas e universidades pela falta de acesso à rede mundial de computadores. Percebeu-se que o acesso à internet de qualidade e com uso de equipamentos adequados é ainda um privilégio de determinadas classes.

Partindo para o contexto micro, do curso de Pedagogia, especificamente, outros elementos emergiram e nos parece demasiadamente necessário que sejam colocados em debate quando tratarmos do Ensino Remoto Emergencial no ensino superior no contexto pandêmico. Não há como desconsiderar as lacunas ainda presentes nas universidades brasileiras quando tratamos de uma experiência remota. Na mesma medida, ficou explícito o quanto muitos dos sujeitos nas universidades, sejam estudantes ou professores, que se achavam digitalmente capacitados, na verdade viram o quão ilimitados são os usos das tecnologias. Acreditamos piamente que tal vivência, que foi apontada como benéfica pelos sujeitos de pesquisa, por obrigar as estudantes e professores a saírem da inércia, servirão como movimento de dinamização das experiências educativas a partir de então.

O processo inicial de organização das universidades no contexto pandêmico, apesar de ser reconhecidamente marcado por boas intenções, seja dos professores ou estudantes, no sentido de evitar maiores prejuízos para os estudantes, não pode sanar os problemas causados pela precariedade e pelos problemas enfrentados

inicialmente. Na mesma medida, há que se reconhecer que o processo de aprimoramento e de apara de arestas foi muito importante e em grande medida proporcionou um outro lugar aos estudantes quando da ocorrência dos debates referentes ao ensino remoto. Apesar de todos os problemas apontados e analisados, a grande maioria dos estudantes considerou ser essa uma experiência exitosa e reconheceram sua importância como forma de garantir a manutenção de seu direito à educação.

Ao nos colocarmos diante do que pudemos observar em relação ao curso, acreditamos que caracterizar o processo apenas como uma experiência de Ensino Remoto, seja um limitador para enxergarmos a complexidade envolvida. Outrossim, não é nosso papel avaliar a experiência estudada, mas compreendê-la em suas mais sutis nuances. Ao nosso olhar tratou-se de uma experiência marcada pela sua dinâmica, pela mimetização de formas e modelos de acordo com o aparecimento de demandas e necessidades. Todos os envolvidos, da gestão da faculdade, à coordenação, professores e estudantes, em alguma medida estão implicados nos rumos tomados. Sem optarmos por uma posição maniqueísta, de ter sido algo bom ou ruim, entendemos que se tratou de um movimento de implicação coletiva, de preocupação com o outro, com a busca por significar o viver em um contexto de risco de morte. Nesse sentido, dentre os problemas enfrentados e as vitórias cotidianas auferidas a duras penas, podemos dizer que foi uma experiência que cumpriu com seu compromisso de garantir o acesso à educação dos estudantes como direito.

Referências

ARRUDA, E. P. EDUCAÇÃO REMOTA EMERGENCIAL: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede** - Revista de Educação a Distância, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 257–275, 2020. Disponível em: <https://www.aunired.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 31 maio. 2023.

BELLONI, M. L. **Educação a Distância**. Campinas: Autores Associados, 2009.

BOHADANA, E.; VALLE, L. do. O quem da educação a distância. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 14, n. 42, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/qZJGrxmtY8KrhSJGzJqBCxh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 maio 2023

BRAGA, D. S.; INÁCIO, M. H.; SALOMÉ, N. C. dos S.; BRESCIA, A. T. Trajetórias de egressos de pedagogia presencial, semipresencial e ead: empregabilidade e atuação. **Revista Pedagógica**, v. 24, p. 125, 2022. Disponível em: <https://pegasus.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/6697>. Acesso em: 31 maio. 2023.

BRESCIA, A. T. Prefácio. In: FERREIRA, A. de A.; GUIMARÃES, A. S. (Orgs.) **Educação, Tecnologia e Sociedade**: Conectar saberes. Porto Alegre: Editora Fi, 2021. Disponível em: <https://www.editorafi.org/338saberes>. Acesso em: 31 maio. 2023

BRANCO, L. S. A. CONTE, E. HABOWSKI, A. C. Evasão na educação a distância: pontos e contrapontos à problemática. **Revista Avaliação**, Campinas, vol. 25, n. 01, mar. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/MHWXpfQM4jGQzR7TBrMXxN/?lang=pt>. Acesso em: 31 maio 2023

CHARCZUK, S. B. Sustentar a transferência no ensino remoto: docência em tempos de pandemia. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/S7dGKjBx7Ch4FxCwVc93pVg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 maio 2023

CUNHA, L. F. F. da; SILVA, A. de S.; SILVA, A. P. da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais**, Brasília, v. 7, n. 3, ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 31 maio 2023

GAMBOA, S. S. **Tendências epistemológicas**: dos tecnicismos e outros “ismos” aos paradigmas científicos. In. SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Silvio

Sánchez (Orgs.). **Pesquisa Educacional**: quantidade-qualidade. São Paulo: Cortez, 2009.

KARPINSKI, J. A.; DEL MORO, N. F.; CASTRO, M. de et. al. Fatores críticos para o sucesso de um curso em EaD. **Revista Avaliação**, Campinas, v. 22, n. 2, jul 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/Ln9kmV4KDWjDhtPhc68jTWJ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 31 maio. 2023

MARTINS, L. M. de; RIBEIRO, J. L. D. Proposta de um modelo de avaliação do nível de engajamento do estudante da modalidade a distância. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 24, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/avaliacao/article/view/3609>. Acesso em: 31 maio. 2023.

MASETTO, M. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2012.

MORAES, A. S. de F. Interações e afetividade entre professor e aluno no EAD: relações para a permanência nos estudos em instituições de ensino superior. **Pesquisa e Debate em Educação**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 1–18, e32847, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/32847>. Acesso em: 31 maio. 2023.

MORAN, J. M. O ensino superior a distância no Brasil. **Educação & Linguagem**, vol. 12, n. 19, p.17-35, jan.-jun. 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/EL/article/view/811>. Acesso em: 31 maio. 2023.

MOREIRA, M. E. et. al. Metodologias e tecnologias para a educação em tempos de pandemia do Covid-19. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 3, n. 3, jun 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/11584>. Acesso em: 31 maio. 2023.

PAIVA, É. K. S.; SPADA, P. K. de P. de; PANTOJA, A. M.M.; SABINO, E. B.; MACHADO, B. F.; AMARAL, M. M.; PEREIRA, F. M.. Estratégias de ensino-aprendizagem em concepção freiriana para o retorno presencial às aulas na transpandemia de COVID-19: estudo de caso do município de Belém/PA. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, nº 14, 19 de abril de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/14/estrategias-de-ensino-aprendizagem-em-concepcao-freiriana-para-o-retorno-presencial-as-aulas-na-transpandemia-de-covid-19-estudo-de-caso-do-municipio-de-belempa>. Acesso em: 31 maio. 2023

OLIVEIRA, M. B. de; et. al. O ensino híbrido no Brasil após pandemia do covid-19, v. 7, n. 1, p. 918–932, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n1-061. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/22597>. Acesso em: 31 maio. 2023.

SANTINELLO, J.; COSTA, M. L.; SANTOS, R. O. A virtualização do ensino superior: reflexões sobre políticas públicas e Educação Híbrida. **Educar em Revista**, Curitiba, vol. 36, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/kDg6xqTkySYrWsXvszFg4Np/?lang=pt>. Acesso em: 31 maio 2023.

SANTOS FILHO, J. C. dos; GAMBOA, S. S. **Pesquisa Educacional**: quantidade-qualidade. São Paulo: Cortez, 2009.

TEODORO, A.; VASCONCELOS, M. L. **Ensinar e aprender no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2012.

Recebido agosto 2023.

Aprovado fevereiro 2024.